



OFERECER
INSÓLITO

E a herança vai para...

Os animais de estimação, especialmente os cães, são uns sortudos no que toca a legados. Mas, quando se fala de heranças, há histórias para todos os gostos. Desde o homem que escolheu os herdeiros na lista telefónica ao que deixou o dinheiro num WC público. TEXTOS DE **ANABELA NATÁRIO**



Convidou dois amigos para testemunhas e foi ao cartório notarial fazer o testamento. Quando a notária lhe perguntou a quem deixava a herança, pediu emprestada a lista de telefones da região de Lisboa e começou a citar nomes e moradas, à toa, conforme fazia deslizar o dedo pelas folhas e a sorte ditava a abertura das páginas. Tinha 29 anos, mas gostava de “armar confusão”. E armaria... 13 anos mais tarde, depois de ter sido encontrado

morto em circunstâncias nunca esclarecidas.

A ida ao cartório de Santa Catarina aconteceu no ano de 1988, quando as listas telefônicas eram calhamaços de centenas de páginas só com números da rede fixa. Luís Carlos de Noronha Cabral da Câmara escolheu assim 70 dos 90 herdeiros pelos quais seriam divididos, por sua morte, um apartamento de 12 assoalhadas na capital, um terreno de quatro mil metros quadrados com uma casa de dois andares em Guimarães, uma moto de alta cilindrada e um automóvel vulgar, duas espingardas, uma carabina e 25 mil euros em dinheiro.

Solteiro e sem filhos, Luís Carlos era uma pessoa desligada da família e de escassas relações sociais. E laborais nunca as teve, já que nunca precisou de trabalhar. O seu nome sonante indicava um nascimento afortunado, e materialmente até era, mas, de resto, sempre tivera uma vida problemática. Foi uma criança rejeitada pela parentela, desgostosa por um dos seus ter tido um romance com alguém de outra condição; explicando melhor, a menina Maria Isabel apaixonou-se pelo merceeiro do prédio onde habitava com os pais, em Lisboa, e o resultado foi o filho de

ambos nunca chegar a conhecer o pai...

A mãe e Luís Carlos foram afastados do merceeiro e de qualquer convívio salutar. Ela endoideceu e passou a maior parte da vida internada, como era prática habitual as chamadas famílias de bem fazerem para esconder comportamentos considerados impróprios. Ele foi educado pela criada Felisbina, estudou no Colégio Alemão e recusou o ensino superior, dedicando-se à caça e aos copos, sustentando-se com as heranças que foi vendendo conforme as necessidades. Ao morrer, 70 desconhecidos, quase todos idosos, e 20 que com ele se relacionaram ao longo dos seus 42 anos de existência foram chamados a receber uma herança com a qual nunca tinham sonhado.

Tudo para os melhores amigos. Se Luís Carlos tivesse um animal de estimação, provavelmente não teria perdido hora e meia a escolher nomes na lista telefônica, tinha feito como a multimilionária americana Leona Helmsley, que deserdou dois dos quatro netos “por razões por eles conhecidas” e deixou uma parte substancial da sua herança à cadela “Trouble”, que durante nove anos a acompanhou para todo o lado, ao seu irmão Alvin e a associações de animais abandonados. A “rainha da maldade”, como chamavam à proprietária da cadeia de hotéis de luxo Helmsley, falecida em 2007, preferia os bichos à família. Mesmo aos dois netos só deixou 3,7 milhões de euros a cada e com a condição de visitarem a sepultura do pai uma vez por ano, pelo menos, e “preferencialmente no dia do aniversário da sua morte”, como deixou explícito no testamento.

Mas à sua cadela maltesa, cujo nome já indicava problemas, deixou 9 milhões de euros. E o pequeno ser branco e peludo tê-los-ia recebido

se, um ano depois, um juiz nova-iorquino não tivesse declarado que a dona, de 87 anos, não estava no seu perfeito juízo, retirando-lhe 7,5 milhões e repartindo-os pelos netos deserdados. “Trouble” morreu em dezembro de 2010. Tudo indica que viveu muito bem com o milhão e meio herdado. Primeiro, tal como Leona estipulara, morou com o “tio” Alvin Rosenthal, irmão da dona, contemplado com 7,4 milhões de euros, mas em 2009 este foi processado por albergá-la no seu apartamento de luxo na 5ª Avenida e ela mudou-se para a Florida, onde passou o último ano de vida no Helmsley Sandcastle sob a tutela do diretor-geral do hotel.

Leona, que chegou a cumprir dois anos de prisão dos 12 a que foi condenada por fuga ao fisco — aliás, ficou célebre a sua frase “só a gatinha paga impostos” —, não era um bom exemplo no que respeita a relações humanas, mostrando mesmo, habitualmente, um profundo desprezo pelo seu semelhante. Mas a sua atitude para com os animais parece ter servido de modelo a outra multimilionária norte-americana, que pôs o filho à beira de um ataque de nervos ao deixar-lhe somente 750 mil euros, enquanto doava milhões aos seus três cães. Ainda hoje, o realizador Bret Carr está convencido de que os empregados da mãe, contemplados com 19 milhões de euros, a drogaram para fazer o testamento a favor dos animais de estimação, um modo simples de se apropriarem de mais dinheiro, já que foram nomeados “tutores”.

Bret diz gostar bastante de cães, mas não acredita que Gail Posner, vítima de cancro em 2010, aos 67 anos, tomasse sozinha tal decisão. E os outros dois cães, “April Maria” e “Lúcia”, se calhar, também rosnaram quando perceberam que a “Conchita” tinha sido privile-

giada, recebendo 4,4 milhões de euros e ficando dona da mansão de Miami Beach, avaliada em 8 milhões, enquanto eles tiveram “apenas” direito a 2 milhões. Todavia, podiam ter adivinhado, já que era a chihuahua que acompanhava a dona nos seus compromissos sociais e beneficiava de mais marcações no spa.

Mas não é só na América que acontecem estes casos. Muito antes de Leona e Gail fazerem o seu testamento, na Europa, a condessa alemã Karlotta Liebenstein, que morreu em 1992, contemplou o seu pastor alemão com um fundo de 92,4 milhões de euros. Entretanto, “Gunther III” morreu e deixou a fortuna ao filho “Gunther IV”, hoje considerado o cão mais rico do mundo e, pelos vistos, um ótimo financeiro, uma vez que já fez triplicar a fortuna,



A condessa alemã Karlotta Liebenstein, que morreu em 1992, contemplou o seu pastor alemão com 92,4 milhões de euros

Heranças polémicas

Testamentos que escondiam surpresas

O ADVOGADO **CHARLES VANCE MILLAR** DECIDIU REPARTIR A SUA FORTUNA DE UMA MANEIRA PECULIAR. A MAIOR PARTE DA SUA RIQUEZA IRIA PARA À MULHER DE TORONTO QUE MAIS FILHOS TIVESSE DURANTE UM PERÍODO DE DEZ ANOS DEPOIS DA SUA MORTE, EM 1926. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO BATIZARAM O CONCURSO COMO “O DÉRBI DA CEGONHA”



A MISTERIOSA MILIONÁRIA **HUGUETTE CLARK**, HERDEIRA DE UMA DAS MAIORES FORTUNAS DOS ESTADOS UNIDOS, QUE FALECEU EM MAIO DESTE ANO, SURPREENDEU TODOS AO DEIXAR UMA FORTUNA PARA A SUA ENFERMEIRA PARTICULAR



A MULTIMILIONÁRIA **LEONA HELMSLEY**, FALECIDA NO PASSADO DIA 20, DESERDOU DOIS NETOS E DEIXOU 9 MILHÕES DE EUROS AO SEU CÃOZINHO

embora tenha uns desvarios de vez em quando, como, em 2000, quando comprou a casa de Madonna, em Miami, por 55 milhões de euros.

Ainda há o caso das irmãs collie, a “Tina” e a “Kate”, que vivem numa mansão no Reino Unido e têm uma conta bancária de 523 mil euros, providenciada por Nora Hardwell, que morreu em 2004 sem ter herdeiros humanos e estipulou a proteção das suas cadeias durante 21 anos. O estilista inglês Alexander McQueen, morto em 2010, também não deserdou ninguém, mas por sua vontade os seus cães receberam 58 mil euros. O problema nestas heranças, no entanto, não parece ser o animal que herda, mas o facto de se deserdar familiares. As três filhas de Valmai Roche, por exemplo, enfureceram-se quan-

do a mãe morreu, em 2009, porque a milionária australiana resolveu deixar a fortuna a uma obra de caridade da Igreja Católica.

Deserdar os filhos. Valmai, que durou até aos 81 anos, suspeitava que as filhas a queriam matar, por isso deixou-lhes 30 moedas de prata, hoje equivalente a um euro, a quantia certa “para pagar a Judas” (segundo a Bíblia, foi por esse valor que o apóstolo traiu Jesus), e também algumas joias, que apenas ganhavam se soubessem responder a perguntas cujas respostas se encontram no diário por si escrito entre janeiro de 1974 e outubro de 1981, data do testamento. Nina Wang, a mulher mais rica da Ásia, e Huguette Clark, herdeira de uma das maiores fortunas dos Estados Unidos, foram mais radicais, ignorando a família e fazendo seus herdeiros o mestre de feng-shui, no primeiro caso, e a enfermeira, o contabilista e o advogado, no segundo.

A maior parte destes casos acabam em tribunal, com os deserdados inconformados. Mas há heranças mais simples e até aparentemente menos valiosas que causam muitos mais danos. Cardoso, pedreiro, morreu em maio deste ano e deixou ao neto Rafael um dos seus bens mais preciosos, a sua caixa de ferramentas. Deixou ou a viúva decidiu quem seria o destinatário da herança. Resultado: o filho, de 39 anos, foi parar ao hospital, baleado nas costas pelo sobrinho. É que Valdeci não gostou da decisão, no seu entender era ele quem tinha direito à caixa do pai, e foi isso mesmo que disse a Rafael, exigindo-lhe a devolução da herança. E ganhou... um tiro.

O caso passou-se em Senador Canedo, no Brasil, país que deve ostentar o prémio, se o houvesse, do processo de herança mais demo-

rado do mundo. 107 anos levou a resolver o imbróglio deixado pelo emigrante português Domingos Faustino Correia. Em 1873, quase à beira da morte, o comendador resolveu estipular como deveria ser dividida a sua fortuna, constituída por 62 fazendas, 117 prédios, dinheiro e barras de ouro. Já viúvo e sem filhos, tomou previdências para que nenhum dos seus sete irmãos ou sobrinhos recebesse uma moeda que fosse. Há 20 anos que estavam zangados, desde que Domingos matara um irmão por causa de uma mulher de que ambos gostavam, por isso deixou escrito que só a quarta geração da família usufruísse dos seus bens; ou seja, foi preciso esperar um século para resolver as partilhas. E isso fez com que se habilitassem 20 mil Correias a uma fortuna que se evaporou com o passar do tempo.

Falando em decisões estrambólicas, não se podia deixar de fora a vontade de Charles Vance Millar. O advogado canadiano, rico e bem-humorado, decidiu que quem recebia a sua fortuna seria a mulher que mais filhos tivesse nos dez anos seguintes à sua morte. Em 1926, a partilha revelou-se difícil, pois teve de ser o Supremo Tribunal a decidir: quatro mães de nove filhos receberam 69 mil euros cada, depois de um processo que os *media* denominaram “O Dérbi da Cegonha”.

Melhor fez um japonês, verdadeiramente benemérito e que não terá os herdeiros a reclamar nada. Deixou cerca de 95 mil euros numa casa de banho pública com um bilhete de instruções. “Estou sozinho. Não tenho futuro, deixem as pessoas de Tohoku ficar com o dinheiro”, escreveu o anónimo doador, referindo-se à região que mais sofreu com o tsunami que atingiu, em março deste ano, o Japão. ■

anartario@expresso.impresa.pt



Um japonês deixou cerca de 95 mil euros numa casa de banho pública com um bilhete de instruções

GAIL POSNER, UMA SOCIALITE AMERICANA DONA DE “CONCHITA” E MAIS DOIS CÃES, FALECEU EM 2010, AOS 67 ANOS, E NO TESTAMENTO DEIXOU À CADELA UMA MANSÃO EM MIAMI NO VALOR DE 8 MILHÕES DE EUROS E AINDA 4,4 MILHÕES EM DINHEIRO



EM 2007, **NINA WANG**, DE HONG KONG, CONSIDERADA A MULHER MAIS RICA DA ÁSIA, DEIXOU A SUA FORTUNA AO MESTRE DE FENG-SHUI, TONY CHAN. NO INÍCIO DESTA ANO, UM JUIZ INVALIDOU O TESTAMENTO E OUTORGOU A HERANÇA À FUNDAÇÃO DA FAMÍLIA WANG



A MILIONÁRIA AUSTRALIANA **VALMAI ROCHE**, QUE MORREU EM 2009, AOS 81 ANOS, DEIXOU DE HERANÇA PARA AS FILHAS APENAS 30 MOEDAS DE PRATA — O QUE JUDAS RECEBEU PARA ENTREGAR JESUS